

Eris explica por que é difícil pagar juros

por Maria Clara R. M. do Prado
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

sobre o desconforto em que ficaram as empresas estrangeiras com a decisão do governo em bloquear as remessas de lucros e dividendos, ao ano passado, o presidente do Banco Cen-

tral enfatizou que "aquilo foi uma situação excepcional e lamentável", indicando que o atual governo dá totalmente o assunto por encerrado, no sentido de que não se repetirá mais.

Também houve interesse dos presentes em conhecer os projetos do BC no sentido da total liberalização do

mercado de câmbio e Eris apenas acenou que aquele era o objetivo a ser alcançado até o final da gestão do presidente Collor, mas que primeiro era preciso resolver em definitivo a questão da dívida externa, normalizar o fluxo de capitais e abrir totalmente as fronteiras do País para o comércio exterior.

Eris explica por que é difícil pagar juros

por Maria Clara R. M. do Prado
de Nova York

As reservas internacionais do Brasil, medidas pelo conceito de caixa do Banco Central (aquele que está efetivamente disponível no curto prazo), deveriam estar no nível de US\$ 12 bilhões, suficiente para garantir gastos com importações por seis meses. "Se a Turquia tem US\$ 12 bilhões de reservas (no caso deste país, o valor sobre importações por oito meses), certamente o Brasil merece o que a Turquia tem", enfatizou o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, ontem, considerando aquele o nível ideal de reservas para o País.

Esta é a primeira vez que a área econômica do governo explicita suas intenções com relação às reservas internacionais do País, justamente no momento em que os bancos credores privados usam como argumento para reivindicar pagamentos de atrasados o fato de o Brasil ter alcançado o nível de mais de US\$ 8 bilhões em caixa. Os bancos acham que o País já acumulou divisas suficientes para efetuar algum pagamento de juros.

O presidente do Banco Central, no entanto, não pensa daquela forma e considerou apenas "teoricamente aceitável, mas aquém do desejado", o patamar atual. Na verdade, o disponível liquidamente está pouco acima de US\$ 7 bilhões, considerando que existe um estoque de remessas de lucros e dividendos do passado ainda retido no BC e que deve ser totalmente transferido ao exterior até o final de dezembro. Este estoque pendente está hoje em torno de US\$ 900 milhões.

Eris falou no seminário promovido por este jornal e pelo Council of the Americas, em Nova York, sob o tema "Brasil na década de 90: oportunidades de negócios com modernização econômica". Ele criticou o governo anterior por ter em pouco tempo (30 ou 60 dias) criado o que chamou de "situação crítica" com perda de cerca de US\$ 2 bilhões entre o início do ano e meados de março. "Quando o ministro da Fazenda anterior (Mailson Ferreira da Nóbrega) dizia que as reservas no início deste ano estavam em US\$ 7,5 bilhões, ele não mentia, mas em pouco tempo criou-se uma situação completamente diferente", disse ele. O atual governo assumiu com US\$ 5,5 bilhões em caixa e compromissos atrasados de cerca de US\$ 2,7 bilhões, sendo US\$ 900 milhões de financiamentos à importação que não estavam sendo pagos pelo BC ao exterior e outros US\$ 1,8 bilhão de remessa de lucros e dividendos que o novo governo começou a transferir para o exterior a partir de julho, na base média de US\$ 70 milhões por semana.

Liquidamente, portanto, o País dispunha da perigosa cifra de US\$ 2,8 bilhões de reservas em caixa em março deste ano. Os cálculos do presidente do BC não incluem os atrasados de juros aos bancos nem os atrasados devidos às agências oficiais de crédito dos governos credores, que o governo quer tratar dentro de esquemas de refinanciamento na mesa de negociações.

Ele fez para os participantes do seminário um apanhado sobre o teor do plano de estabilização, cujo ponto central foi esticar para um prazo mais longo de aplicação (até setembro do ano que vem, quando os recursos começarão a ser devolvidos em doze parcelas iguais e sucessivas) a grande parte da massa de cruzados novos que vinha sendo convertida em consumo, causando uma explosão nos níveis de preços da economia.

Esta massa correspondia a mais de US\$ 100 bilhões, relativa a cerca de 30% do PIB.

O presidente do Banco Central prometeu que a busca pela queda e estabilização no nível da inflação será aprofundada para enfrentar os efeitos negativos da crise do petróleo que o próprio governo já reavaliou serem mais profundos do que se imaginava de início.

"O quadro no Oriente Médio é extremamente preocupante. Nós não esperávamos estar vivendo esta realidade, principalmente com o que se delineia com a proximidade do inverno no hemisfério Norte", disse ele, prevendo que os preços devem subir mais ainda, acima do patamar em torno de US\$ 40 o barril, nível atingido nesta semana. Ele atestou para a platéia de representantes de empresas e bancos interessados em conhecer mais de perto a situação do Brasil que o aumento nos preços do petróleo trará "graves implicações para o País que importa metade do consumo doméstico, com gastos per capita de US\$ 4 bilhões ao ano". O aumento do consumo esperado para os próximos meses, em função do inverno dos países do hemisfério Norte, vai contrastar frontalmente com o limite na capacidade de refino existente no mundo, o que agrava ainda mais a situação.

O quadro é sério e grave, trará impacto negativo sobre a perspectiva de crescimento da economia e, conforme colocou o presidente do BC, os resultados do programa no curto prazo terão de ser postergados por algum tempo. Eris disse no entanto que isso significa maior ajuste por parte do governo — "temos de aumentar a intensidade da nossa política para o ajuste" — e garantiu que não haverá repetição do erro da última crise do petróleo, quando a política adotada com fortes subsídios, acabou resultando em recessão e maior inflação elevada. Os aumentos de preço do petróleo no exterior serão, desta vez, repassados para o preço final dos produtos derivados, e uma política monetária rigorosa vai ajudar a estreitar a consumo de tal forma que o ajuste se acabará fazendo pela via do mercado.

Respondendo a uma pergunta específica de um representante da United Technologies

(Continua na página 2)